

Metamorfoses da clausura

Ianni Regia Scarcelli

Gilda, uma senhora branca com pouco mais de 70 anos, é dessas pessoas que diante da adversidade procura encontrar significados que propiciem uma sobrevivência menos perversa, se é que isso é possível na experiência da reclusão. Enclausurada desde criança devido a sintomas de epilepsia, foi privada de realizar um grande desejo – formar-se numa instituição escolar, mas buscou realizar alguns sonhos, mesmo vivendo em espaços plenos de situações adversas.

Sua vida não é exemplo de combate explícito à existência das instituições totais que enclausuram e violentam. Contudo seu modo de vida pode nos dizer algo sobre a pergunta que vez por outra nos fazemos: como tantas pessoas sobrevivem em situações tão desumanas?

No hospício só com muito esforço podemos encontrar vestígios de humanidade. Por trás da violência dos eletrochoques, da exploração do trabalho, do submetimento a regras totalitárias, as estratégias de sobrevivência denunciam e enunciam uma possibilidade de vida que extrapola tudo o que as instituições totais emblematicamente representam.

Chamaremos de Hospital das Graças o manicômio onde Gilda ficou internada por mais de duas décadas. Do mesmo modo que outros hospitais fundados no Estado de São Paulo na década de 1940, esse surgiu com objetivo de dar suporte à demanda excessiva do Hospital do Juquery, localizado no município de Franco da Rocha. Na década de 1970, época de sua internação, ela era mais uma entre os cerca de 1600 moradores distribuídos pelos grandes pavilhões, com uma média de 100 pessoas, do Hospital das Graças. Grande parte da clientela transferida para lá chegou a ficar internada no mínimo 30 anos.

Em meados de 1984 por iniciativa da equipe técnica e de alunos estagiários dos cursos de medicina, enfermagem e psicologia das universidades locais, foram desenvolvidas atividades cujo objetivo era dar atenção individualizada aos pacientes de um dos pavilhões. A casa, que pertencia a um antigo diretor do hospital, passou a receber um pequeno grupo do total de cem pessoas que frequentavam o pátio durante o período da ma-

nhã. Dessa experiência, criou-se o Núcleo de Convivência, com o objetivo de tirar os internos do pátio e diminuir o número de moradores.

Na época da entrevista, as 17 pessoas que moravam nesse Núcleo contavam com assistência ininterrupta de pelo menos duas auxiliares de enfermagem por período.

A constituição do Núcleo foi o primeiro passo para a instalação das cinco casas que constituíram a Vila Terapêutica dentro do complexo hospitalar, no ano de 1987. As casas foram estruturadas para acolher três moradores cada uma; a área construída inclui um quarto grande, sala, cozinha, área de serviço e um quintal de terra para o plantio de frutas, verduras e legumes. As casas são simples, mas confortáveis. Na cozinha, mesa, cadeiras, fogão e geladeira; na sala, dois sofás e aparelhos de som e TV; nos quartos, três camas, três guarda-roupas, e eventualmente aparelhos de som e televisor. Cada uma delas conta com um profissional de referência para assessorar os moradores nos mais diversos tipos de demanda: medicação, limpeza de casa, ida aos serviços de saúde, às compras etc.

A partir do desejo de alguns moradores de saírem definitivamente do espaço hospitalar, profissionais envolvidos com o projeto de reinserção social buscaram viabilizar alternativas nesse sentido, instalando, por exemplo, Pensões Protegidas e inscrevendo alguns moradores em programas governamentais de aquisição de casa própria, como o dos conjuntos habitacionais da COHAB.

Pensões Protegidas são casas alugadas em diferentes bairros da cidade. Os moradores contam com alguém que os assessora nas compras, no planejamento das atividades domésticas e no tratamento de saúde. Esta pessoa é, frequentemente, designada pela ONG que ganhou a licitação para administrar os recursos financeiros necessários à manutenção da casa.

Em relação aos conjuntos habitacionais, na época da entrevista, havia quatro casas compradas por ex-moradores do hospital. Uma delas era habitada por Gilda, que estava morando sozinha, pois o casal com quem havia se mudado não se adaptou ao local e voltou à antiga casa na Vila.

Gilda ficou enclausurada no hospício durante 25 anos. Foi internada com cerca de 40 anos devido a um quadro de epilepsia que se manifestou desde a infância. A partir da lembrança do relato de seus familiares, informa ter sofrido problemas perinatais. É a mais nova de quatro irmãs

e um irmão. Nasceu num lugar sem recursos, no Estado de Minas Gerais. Aos dez anos perdeu o pai e, aos 12 anos, a mãe. Mudou-se com as irmãs para a cidade de São Paulo, para morar com o irmão que já trabalhava na capital paulista. Devido a convulsões frequentes terminou a antiga 4ª série primária e não pôde continuar os estudos como tanto desejava. Saía pouco de casa e sentia-se prisioneira da “doença”.

Desse modo, quando internada no Hospital das Graças, vivenciou-o não como forma de exclusão, mas sim de libertação e de inclusão. Nos muitos anos excluída da cidade, o espaço de internamento precisou ser ressignificado. No paraíso que ela desenhou, os personagens são como camaleões, capazes de se protegerem e de se diferenciarem de acordo com a necessidade: ora se confundem com a paisagem para se proteger, ora se diferenciam dela para poder existir. Os processos dessa metamorfose são estratégias de sobrevivência.

Num primeiro olhar poderíamos supor que a criação desses mecanismos é pura alienação, é ‘adaptação passiva’ ao aparato da instituição total. Contudo, se é possível constatar na história de Gilda adesão ao discurso psiquiátrico tradicional, é possível identificar também, nos múltiplos sentidos de sua fala, lampejos de rebeldia ao sistema psiquiátrico. A aderência ao discurso e às práticas psiquiátricas não é total: há uma crítica implícita nas palavras e ações. Gilda costumava dizer aos estudantes de cursos de graduação na área de saúde que estagiavam no hospital que não tratassem os pacientes como crianças e ouvissem o que eles falavam, por mais delirante que pudesse parecer.

Ela nos conta que aprendeu com os funcionários, principalmente os mais qualificados, o discurso especializado. No entanto, ela nos fala também de algo que não faz parte do dispositivo manicomial: “Não tratem os pacientes como crianças”, denunciando, assim, a hierarquia presente nas instituições totais. Tratar como criança é infantilizar, é tratar o sujeito adulto como alguém imaturo, que precisa ser controlado, é perder de vista o sujeito em sua complexidade. Gilda fala do desconhecimento dos que são porta-vozes do ferimento: os técnicos. Quando diz que nas coisas mais absurdas pode haver conhecimento, ela põe em evidência dimensões que a instituição desconhece e rompe com o discurso racionalista.

À época da entrevista, Gilda tinha 70 anos e morava em uma casa adquirida com recursos próprios, num conjunto habitacional popular situado num bairro da periferia de uma cidade do interior de São Paulo. Luta pela sobrevivência e momentos de solidão, marcas de nosso tempo,

continuam presentes em sua vida. Mas essa luta tomou outro sentido no espaço da cidade, lugar bem ‘mais amplo’ do que o ‘presídio’ da primeira casa ou do cenário do ‘pequeno paraíso’.

Todos os dias pela manhã, ela vai a uma instituição de saúde mental no centro da cidade (NAPS – Núcleo de Atenção Psicossocial) para levar sua colaboração como voluntária: tocar, para os usuários do serviço, o piano que ganhou de um anônimo, uma habilidade que aprendeu sozinha quando estava internada no hospital.

Fui apresentada a Gilda no NAPS, pela coordenadora do Ambulatório de Saúde Mental que me acompanhou na primeira visita a pensões protegidas e casas populares que fazem parte do programa de inserção social de ex-pacientes do hospital psiquiátrico da cidade. Ela foi simpática e dispôs-se a conversar e a me levar até sua casa. No percurso, ela me ensinou o caminho, falou sobre o hospício onde ficou internada, sobre os livros que leu e os conhecimentos que tem.

Ao chegarmos, fez questão de me mostrar sua morada; apesar de reconhecer que ela é muito simples, compara-a a um palácio. Sente-se privilegiada por possuir a única casa com quintal do conjunto habitacional. Mostrou os quatro cômodos pequenos, a horta e a grande quantidade de bananas colhidas em seu quintal, que ela doa a uma creche do bairro. Valorizou os móveis e objetos comprados com seus recursos e orgulhou-se ao mostrar os documentos e cartas que atestam sua participação nos fóruns de debate da reforma da política de saúde mental no Estado de São Paulo. Mostrou as contas e os carnês que ela mesma paga e os vários diários que vem escrevendo há anos e que registram, com detalhes, os vários momentos de sua vida.

Entrevista com uma ex-interna do sistema manicomial

“Se der soco em ponta de faca a gente sai com a mão sangrando”.

Gilda – Eu convivi 25 anos no Hospital das Graças. Foi uma universidade, porque eu fiquei de 1968 até 1973. Cinco anos tomando remédios que não davam certo. Tomei eletrochoque, tomei uma porção de outras coisas. Até

que em 1973 veio o remédio que quase foi específico, que até hoje eu tomo. Ele é paliativo, mas pelo menos ele paralisou a epilepsia. (...) Eu tinha até 30 ataques numa semana em São Paulo. Eu vivia que nem uma presidiária dentro de casa. Eu não podia nem chegar na calçada que minha família não deixava. Eu não podia nem ir a uma padaria ou a uma venda buscar alguns víveres. Tudo era minha família que fazia. Eu não saía do portão para fora, porque era só sair do portão para fora que podia um veículo me pegar e poderia até me matar. As coisas poderiam ser piores. Então eu me via como uma presidiária doméstica. E então o que é que eu fiz? Eu resolvi, já que eu tenho que viver presa, então eu quero viver num lugar amplo. Então eu pedi aos meus familiares que me arranjassem um hospital onde eu pudesse trabalhar, fazer alguma coisa, produzir alguma coisa, me tratar e fosse amplo. (...) Quando eu cheguei aqui, a minha família pensou que era o fim do mundo. Não é não. Foi a minha sorte. No dia 11 de agosto, dia das ciências jurídicas, Deus me deu um advogado (risos).

– *Quem era seu advogado?*

Gilda – Jesus. Jesus. Deus me deu um advogado que me protegeu, por isso eu não preciso de nenhum técnico em ciências jurídicas para minha causa, porque eu já tenho Jesus comigo. (...) Quando eu cheguei lá, a primeira coisa que eu fui fazendo foi procurar serviço. Comecei ajudando as faxineiras a limpar as cozinhas e tudo. Depois, lá tinha a terapia ocupacional: fui fazer crochê, eu costurava também com a máquina. Eram poucas as pacientes que costuravam com a máquina. E então eu trabalhava na lavanderia, reformava roupas para os pacientes. Porque eles rasgavam muito quando dava aquelas crises. Ia na cozinha, ajudava as cozinheiras a fazer faxina, e na lavanderia eu costurava também. Mas depois a funcionária viu que eu tinha condições psicológicas melhores, que eu podia, sabia ler, escrever e contar e então ela me pôs para despachar as roupas, que teriam que ser contadas e despachadas para serem lavadas. (...). Eles gostavam muito de mim lá. E eu aproveitava: lavava minhas roupas. Eu vivia vestida à paisana. Eu nunca vivia vestida com as roupas do hospital. Então, eu também não tive ideia de fugir, eu falei: “puxa, eu lutei tanto para vir aqui e agora eu vou fugir e pôr tudo a perder? Não eu não sou trouxa”. (risos) “Eu quero evoluir e não regredir”. Com essa síntese eu cativei todo mundo ali, quem me entendia. (...) Na lavanderia eu aprendi corte e costura. Na cozinha eu aprendi arte culinária. Muitas coisas e segredos de culinária eu aprendi. E também eu aprendi a aplicar injeção, medir pressão e medir temperatura. Eu ajudava os funcionários. E até

aplicar eletrochoque. Até isso... Quando eu vi aplicar o eletrochoque, eu falei: “é com isso aí que eu vou sarar”. Porque quando eu estava na escola, a gente aprendeu que tudo que existe na face da terra é feito de átomos. E os átomos têm... são divididos em prótons, elétrons e nêutrons. Então... quando a gente tem elétrons em excesso a gente fica nervosa, tensa e parece que está louco, porque a eletricidade está excessiva. O eletrochoque elimina o excesso de eletricidade que a gente tem. Então, todo mundo tinha medo daquilo como se aquilo fosse um fantasma, um veneno, um castigo (...). Quando eu tomei o primeiro, eu vi que as pacientes, elas viam aquilo como se fosse um castigo ou como se fosse uma cadeira elétrica, como se fossem umas sentenciadas, como se fosse uma pena capital. Então, eu falei: “num hospital do governo não vai haver pena capital aqui, não vai matar a gente, não. Isso aqui vai ser para mim uma coisa positiva”. Eu via aquilo tudo como positivo e quando chegou a minha vez, eu vi que elas retesavam todos os músculos, e eu falei: “eu vou fazer diferente”. Eu relaxei todos os músculos e tudo, eu me senti outra.

Parece que aquilo me tirou... parece que eu estava dentro de um cubo que foram cortando as arestas à minha volta (risos) e me senti livre para voar. Eu só não voei porque não sou passarinho (risos). E com os sete eletrochoques que eu tomei eu melhorei bastante. Mais de 50%. A tensão nervosa acabou, eu não tinha mais tremedeiras nas mãos, eu melhorei muito. Mas depois, foi chegando o dr. Saulo e trouxe aquele remédio que ainda era desconhecido no Brasil, o Fenitoína, que é anticonvulsivo. O Dr. Saulo chamou todos os pacientes e falou: “Hoje nós vamos experimentar um novo remédio que está a título experimental no Brasil”. Nós somos cobaia dos EUA. Mas eu me orgulho muito disso, porque deu certo. Os epiléticos de lá se prevaleceram disso. Eles foram, eles tiveram um resultado positivo para eles lá também. Mas sabe como é, esse mundo sempre foi assim, sempre prevaleceu a lei do mais forte. Quem pode mais chora menos. (...) A gente tem que sempre dar o braço a torcer e a mão à palmatória para aqueles que conseguiram evoluir e chegaram ao ponto que chegaram. Mas eu não invejo nada disso. Eu admiro uma pessoa que evolui e eu procuro evoluir também ou então procurar ser páreo dela. (risos) Foi o que eu fiz no Hospital das Graças. O remédio quase foi específico, o Fenitoína. Eu depois comecei a perceber os ataques antes que eles me atacassem, antes que derrubassem. (...) Eu fui percebendo antes que eles me atacassem e quase foi específico. (...).

Depois que o dr. Saulo foi para outro setor, aí veio o dr. Alberto e acertou na mosca. Ele mandou fazer o eletroencéfalo e aí trouxe o Te-

gretol. Aí foi uma dupla dinâmica que resolveu mesmo. Até hoje eu tomo o Tegretol e o Gardenal. O Gardenal tomava desde o princípio de meu tratamento, mas uma andorinha não faz verão mesmo, um só soldado não vence a guerra (risos).

– *Quer dizer que precisou fazer um exército.*

Gilda – Exatamente. Precisa de um exército. Esses três valeram por um exército. A Fenitoína, a Carbamazepina e o Gardenal.

– *Você nunca mais teve ataques?*

Gilda – Nunca mais, nunca mais. E eu sempre procurando esquecer as coisas negativas e esquecer que estou doente. E entre os pacientes eu dizia: “vamos esquecer a doença e pensar em coisas positivas”. Lá tinha um piano no qual aprendi a tocar, então eu pedia para um funcionário abrir o piano e comecei a dedilhar algumas coisas que eu sabia. Eu nunca fui aprender, mas eu via pessoas que sabiam tocar o piano. Tinha uma vizinha na minha casa, eu ia muito na casa dela para vê-la tocar piano e eu gostava muito. Eu comecei. Eu tive um ataque que me deu esse problema no dedo mínimo, então eu não posso tocar com quatro notas. Então, o que eu fiz? Inventei com três. Inventei com três notas. E esse método que eu toco é inusitado.

Tem muita gente que fica mesmo admirada com isso. Não é uma coisa de conservatório, mas pelo menos eu me viro. Uma vez que eu fui lá aprender teoricamente eu pensei: “sabe de uma coisa? O que Deus me ensinou é mais bacana, é muito melhor. O que Deus me ensinou é melhor. Os autodidatas, os que aprendem sozinhos, o professor só pode ser Deus”. (risos) E para mim, eu dou muito mais valor ao que se aprende sozinho do que para aquilo que uma universidade não me ensinaria. (...) Coisas da minha prática de tantos anos que eu vivi no Hospital das Graças e de prioridades dos pacientes e como se deve tratar um paciente. Antes do final, eu disse: “Lembre-se que nós somos seres humanos. Não somos bichos e um dia a gente consegue vencer todas as dificuldades desse mundo”. Para Deus nada é impossível. E, então, antes de mais nada, Deus falou: “Faz a tua parte e eu te ajudarei”. E aí é que está. E quando vinha todo mundo com rusgas uns com os outros eu dizia: “Lembre-se que Deus mandou que nos amássemos e não nos amássemos” (risos). Pregando solidariedade, lembrando que a melhor coisa nesse mundo foi o que os três mosqueteiros inventaram: “um por todos e todos por um”. (risos) E essas coisas eu fui recuperando, rememorando, todas aquelas coisas que aprendi outrora quando eu estava na escola, eu fui rememorando quando vinham estu-

dantes. Eu conversava com elas e elas me traziam livros. Eu pedia “se seus livros estiverem obsoletos você traga para mim que é para eu aprender”. E eles me traziam. Eu tinha até compêndio de literatura. Eu, quando estava fazendo o colegial, eu queria ser comunicadora, estudar comunicações. Porque a minha professora falava que quem tinha jeito para comunicar tem que ser desinibido. (...).

Eu, graças a Deus, sempre tive o dom de chamar a atenção das pessoas e elas prestarem atenção naquilo, não é? Eu sempre dizia para os estudantes quando iam lá [Hospital das Graças]: “Olha, vocês ouçam os pacientes por mais absurda que seja a história deles”. Porque elas tinham muitos devaneios, sabe? Faziam muitos delírios, o que é peculiar do doente mental, não é? Tinha uma lá que dizia que era fazendeira, que tinha muito gado, que tinha muita coisa, e era nada, sabe? Ela morava num sítio lá e dizia que já era uma fazenda. Era megalomania, o que é peculiar do doente mental. Um dia então falei: “por mais absurda que seja a conversa dela, ouça, que você vai tirar proveito, para ver até onde vai a imaginação de uma pessoa que sofre das faculdades mentais e que está com problemas psicológicos”. Então, as faculdades mentais é uma... não, não é uma faculdade, é uma universidade para o mundo todo aprender como se vive e como se aprende a viver, não é?

Um ‘pequeno paraíso’?

Gilda – Sexta-feira estive em São Paulo na reunião, na reunião de São Paulo lá [da Comissão de Saúde Mental do Conselho Estadual de Saúde] e eu falei lá para um doutor que estava contra acabar com os hospitais psiquiátricos, não é? Então, eu falei: “eu gostaria de dizer para todos para que terminassem essa...” – como se diz, meu Deus, essa... como eu disse para eles lá, meu Deus do céu? Não uma fábrica, como é meu Deus? Que estavam fazendo daquilo lá, do doente mental... usando o doente mental como se fosse uma coisa de tirar proveito para todo mundo. Como por exemplo, fazer hospitais, como cobaias. E então, uma indústria, uma indústria de doentes mentais. Eu falei assim: “isso pode muito bem ser tratado fora de hospitais, como nós estamos fazendo lá na minha cidade”. E aquele doutor subiu nas tamancas, aquele era diretor de um hospital.

– *Era um hospital particular?*

Gilda – Era um hospital particular não sei lá de onde, era o hospital dele lá. Isso aí não é uma indústria de doentes mentais, não. (...) Mas eu me

orgulho muito de ter sido cobaia e de ter podido ajudar a outrem e à medida que eu ia sarando eu conversava com estudantes, aqueles que iam fazer estágio. Estudantes de psicologia, de enfermagem e de medicina. Eu explicava para eles tudo como eram os sintomas, todas as características da doença. (...).

Então, fui aprendendo com estudantes. Eles me trouxeram aquele compêndio de literatura, que eu tinha um dicionário lá. Eu via um vocábulo diferente, ia procurar no dicionário. A origem dele. Porque no português nós temos o tupi-guarani, tem o português que vem... não... o latim, o tupi-guarani e grego. E o grego, não é? Porque a língua portuguesa deriva de tudo isso. (...).

E então, todas as coisas, enfim, que eram pra mim uma incógnita, eu saía perguntando: “olha, me ensina porque eu ignoro isso, eu sou ignorante”. Falavam: “não, você não é ignorante”. Eu dizia: “eu ignoro, quem ignora é ignorante” (risos). Estou querendo aprender. Feliz é aquele que quer aprender, que quer acertar, não é uma boa? Eu sei que com esse método eu conquistei muitas pessoas que pensavam que eu tinha arrogância, que eu queria ser mais que muita coisa. Então, não, não é nada disso. Eu sou uma criatura simples, que veio nesse mundo para aprender e para ensinar o que eu sei. O que eu tenho aprendido com a vida eu ensinei para as companheiras. O que eu fui aprendendo, passei pra elas. Porque às vezes elas não assimilavam certos vocábulos eruditos. (...) Certas pessoas achavam que eu queria ser mais que alguém. Mas não, eu dizia: “não, não é nada disso”.

– Os “pacientes”?

Gilda – Não, as funcionárias. As funcionárias achavam que eu gostava... eu sempre gostei de articular os vocábulos sempre corretamente. Então eu pensei cá comigo: “ela está fazendo certo desdém porque eu falo corretamente. Eu aprendi a falar corretamente; eu vou regredir ou invés de progredir?”. Aí que eu descobri a minha personalidade. No final essas próprias funcionárias, que não tinham muita cultura mesmo, eram analfabetas, no final elas tornaram-se minhas amigas.

– E o que você descobriu sobre sua personalidade?

Gilda – Eu descobri que eu sei falar com ‘erres’ e com ‘esses’, com os verbos nos seus tempos e com vocábulos que sejam adequados a um diálogo com pessoas. (...) Eu aprendi na escola, a forma de comunicar-se adequadamente. Para se estudar comunicações, você precisa saber comunicar-se. E para saber comunicar-se precisa ter um diálogo franco com vocábulos

adequados e nos tempos dos verbos e com ‘erres’ e ‘esses’, e tudo direitinho, não é? Se eu não sabia muito, se eu não sabia muito vocabulário, eu fui aprendendo. Eu fui aprendendo. E depois, aquilo que eu aprendi falar corretamente, “ela está fazendo desdém”. Se eu falo com ‘esses’ e ‘erres’, vou falar sem ‘esses’ e ‘erres’? Se está errado? Nada disso! Eu aprendi a falar corretamente. Elas aprenderam depois comigo a falar com ‘esses’ e ‘erres’ e os verbos nos seus tempos certos. Está vendo só? E eu não tomei partido, nunca tomei partido e nem nunca tomei raiva de ninguém. Logo eu percebi que, se essa pessoa tem inveja de mim, eu tenho alguma qualidade. (...).

– *E os pacientes do hospital, como eram em relação a você? Porque, pelo visto, você se diferenciava.*

Gilda – Eu procurava ensiná-los.

– *E eles?*

Gilda – Eles aprendiam. Eles me admiravam. Aprendiam, queriam. Eles diziam: “Você não sabe? Pergunte para a Gilda”. (risos)

– *E você, como é que se sentia?*

Gilda – Eu me sentia muito bem. Eu pedia a Deus para transmitir a eles coisas positivas. Eu não sou uma luz, mas nem que seja uma lamparina para poder ajudá-los, não é? (risos) (...) Mas o que ajudou muito foi o piano que estava lá abandonado. Eu comecei a tocar e depois quando os pacientes estavam brigando entre si, eu falava: “vamos parar de brigar e vamos cantar?”. Eu levava todo mundo perto do piano e tocava música de Roberto Carlos, de Chitãozinho e Chororó, do tempo de Tonico e Tinoco. Enfim, eu agradava a gregos e troianos. (...).

Então eu sempre falava para as pacientes: “sua família te abandonou? A minha também está lá em São Paulo. Eu estou também semiabandonada”. Mas, graças a Deus, minha família nunca me abandonou. Minha família sempre vinha me visitar. Fui eu que pedi para eles não virem. Nessa trajetória, quatro horas e meia de viagem de São Paulo até aqui, poderia acontecer um desastre e eu nunca me perdoaria se eles morressem no caminho. Eu tinha tanto medo dessa Via Anhanguera! Não tinha feito a Bandeirantes ainda. Então, eu falava para elas “você se sente abandonada? Você não tem família? Eu também não tenho. Vamos nós fazer uma família aqui? Você não é filha de Deus? Eu também sou. Então somos todos irmãos” (risos). Então foi esse lema que eu inventei lá, sabe? E olha, todo mundo assimilou e teve sucesso. (...).

– E você foi a primeira a sair da Vila Terapêutica para a Pensão Protegida, não é?

Gilda – Exatamente. Eu fui uma das primeiras, porque eu tinha medo de ir de lá dos Pavilhões e ir lá para a Vila. Foram as outras primeiro. Depois eu achei que chegou a hora. (...) Bia, Marta e Nair foram primeiro para a Vila Terapêutica. Depois da Vila Terapêutica, vieram para cá [a cidade]. Também eu tinha medo de vir para cá.

– Então, primeiro você teve medo de sair do Pavilhão. Você esperou elas irem primeiro e depois você foi morar com elas?

Gilda – Eu fui morar com elas, na mesma casa.

– Depois elas também quiseram sair da Vila e você tinha medo.

Gilda – Eu tinha medo.

– Por que você tinha medo?

Gilda – Eu tinha medo de morar em centros urbanos. Aí é que está, 25 anos no hospital. É aquilo que eles dizem que a gente vai tomando, o hospitalismo. A gente não pode viver depois. A gente não consegue viver depois, fora do hospital. E então, eu consegui dar a volta por cima. Graças a Deus, as funcionárias do serviço social, as psicólogas também falavam: “você tem que ir, você tem que fazer, você tem que experimentar, nem que seja a título de experiência”.

– Então, elas que insistiram para você sair.

Gilda – Elas que insistiram. Então houve uma vaga na Pensão Protegida e então eu fui morar lá. Ali é quando abriu mesmo um caminho de nova esperança, caminho verde para mim. Eu encontrei muita coisa boa. Eu pude... a gente recebe mesmo um salário para a gente poder sobreviver ali. Eu aprendi a lidar com o câmbio, eu aprendi a buscar, como busco até hoje, minha própria aposentadoria, o auxílio-doença. Não é aposentadoria, é auxílio-doença e a gente recebe um salário com o auxílio-doença para sobreviver. Eu abri até caderneta de poupança.

Eu tenho tudo isso aqui [utensílios e móveis], (...) eu fui comprando. Quando eu estava lá na Pensão Protegida houve uma época lá que eles [técnicos do Hospital das Graças] vieram aqui para a Bento Freitas [nome do conjunto habitacional onde mora] e depois foi lá para o Sítio da Gamela [outro conjunto habitacional] para a gente conseguir uma casa própria. Então, o que eu queria era desocupar a minha vaga lá para outros do Hospital das Graças irem ocupar.

– *Nessa mudança, da Pensão Protegida para a casa na COHAB, você já não tinha mais medo.*

Gilda – Já não tinha mais medo. Aí eu deslanchei. Aí eu orei muito, pedi a Deus muito e com isso eu fui para conseguir...

– *Foi uma batalha para conseguir essa casa aqui?*

Gilda – A casa aqui não foi tão difícil. (...) Foi na campanha da Cohab. A Cohab já começou há muitos anos. Muitos bairros aqui começaram com a Cohab. (...). Aqui é de casas modestas... E então quando eu fui sorteada [pra comprar a casa], eu já tinha ido comprar todas essas coisas que eu precisava, coisas de primeira necessidade, no Magazine Yara. Fui comprando geladeira, fui comprando... o fogão eu comprei em outra loja quando estava inaugurando (...). Então eu comprei sem entrada, comprei fogão lá, um fogão muito bom. Veja você como ele funciona bem: forno autolimpante, muito bom, de quatro bocas. Está muito bom. E eu fui comprando tudo sabe? Olha, essa mesa de mármore, cadeiras! Comprei geladeira, comprei eletrodomésticos, tudo no Magazine Yara. (...) Só o fogão eu comprei nas Lojas Peão... Mas fui comprando tudo. Televisão. Essa televisão eu comprei na Loja Maristela, a outra televisão que eu tenho eu ganhei do Baú da Felicidade. Eu também comprei no Baú da Felicidade. Eu nunca fui sorteada lá, mas podia retirar mercadorias. Por exemplo trazer jogo de panelas, jogos, o televisor que eu tenho de 20 polegadas, tudo. E ele até marca as horas, aquele televisor lá, sabe? E aquele rádio relógio, quadros. Isso aqui eu comprei tudo no Magazine Yara. “Vou decorar a casa lá”, não é mesmo? Eu não gosto de casa empetecada. (...) Gosto de alguma coisa na parede e aquele lá [o quadro] mexe muito comigo. Tem o piano e uma coisa de bailarina, uma sapatilha de bailarina. Coisa que eu sempre admirei foi sapatilha de bailarina. E o piano foi sempre minha paixão. E a música, olha as partituras lá. Aquilo mexeu comigo, então eu disse: “Agora eu tenho que comprar esse quadro”. (risos). Então comprei lá no Magazine Yara. Lá, eles puseram tanta fé, depositaram tanta fé em nós. Eles falaram assim: “o que vocês quiserem comprar, então compra porque nós confiamos em vocês”. A nossa diretoria deu apoio e disse [pra gerência da loja]: “Eles recebem o salário, eles conseguirão pagar as prestações que estejam ao alcance deles”. Resultado: nós pudemos comprar muito mais do que se a gente tivesse comprado à vista. Aí eu pude ir pagando e, graças a Deus, agora eu fiz um consórcio também, que eu comprei aquele material para construção no consórcio. Eu pus esses pisos aqui e outras coisas que foram de melhoramentos aqui, eu comprei. (...).

– *Quanto tempo você levou para comprar as coisas?*

Gilda – Eu demorei uns cinco anos.

– *Você foi para a pensão, ficou um pouquinho lá e já ficou com vontade de sair?*

Gilda – Exato, já que eu consegui aquela... que conseguiram uma casa da Cohab eu falei: “Eu vou conseguir uma casa da Cohab também”. Saiu aquela do Sítio da Gamela e fui sorteada. E aí, puxa vida, até me lembro que o Mário Covas é que sorteu lá. E eu saí logo uma das primeiras. A Bia também foi sorteada, mas ela não quer sair de lá, ela tem medo. Ela contou? Ela não contou? (...)

Ah, aquela lá é irreversível. Ela tem uma personalidade incrível e... e... e o que ela diz, bate o pé e fica por ali mesmo. Ninguém convence ela. Mas eu já conversei uma vez com a psicóloga que se a gente quiser forçar uma pessoa a fazer o que ela não quer, a gente está prejudicando a personalidade dela. Deixe a pessoa fazer como ela achar melhor. A mesma coisa, criança. Na psicologia infantil não se deve naturalmente deixar a criança quebrar a cara, não é? Mas, deixá-la aprender caindo. Caindo e aprendendo a levantar. Então... mas que essas lições não sejam tão duras a ponto de deixar... a ponto de trazer coisas negativas para eles. E são as lições da vida e os problemas que a gente tem que aprender a solucionar.

A primeira coisa que eu me inspirei e li, foi lá no Hospital das Graças. (...). Ali encontrei o que eu precisava. Eu falei assim: “Isso não parece nem um hospital, isso parece um pequeno paraíso”. Era o que eu queria, o que eu queria encontrar, encontrei aqui. E então aquelas árvores, cheio de árvores frutíferas, uma maravilha, uma ecologia maravilhosa. E então aí foi quando eu fiz a poesia: “Meu pequeno paraíso”. Todo mundo gosta que eu recite essa poesia porque tem muita coisa interessante da minha vida. (...).

Isso aí [a poesia] ficou na Diretoria [do hospital]. Está lá na diretoria essa minha poesia, desde o tempo do dr. Gonçalves. Isso aí eu distribuí para muita gente, para muitas pessoas. Eu falei: “não pensem que isso aqui é fim de mundo não! Não pensem que o mundo caiu porque você ficou doente das faculdades mentais, não é? Porque você está sofrendo”. E punha sempre na cabeça dos pacientes: “loucura não existe, porque quando a gente atinge um grau de loucura, a gente morre. Então, se por acaso chamarem você de louco você diz: ‘Por acaso eu sou um fantasma?’” (risos) Quem está falando com você é de carne e osso. Então aí eu não admitia isso, oras! E era mais coerente. Vocês cobram tanto da gente coerência, vocês estão sendo incoerentes de chamar a gente de louco, não é? Então aí é que está: vocês não sabem o que significa a loucura. Aí é que está.

Então, com isso aí, cada um tem um problema. (...) Por exemplo, eu nasci com uma célula morta, então quando eu tive o problema, meu problema é nascimento. Então, minha mãe não teve socorro logo; lógico, então eu nasci com o cordão umbilical enrolado no pescoço e pelos pés. E com isso aí eu tive... sofri... socorreram minha mãe como puderam. E aí eu tive... faltou oxigênio e eu já nasci dando a epilepsia. Eu já nasci com ela. E aquilo paralisou na minha infância. E depois na adolescência, da infância para a adolescência, 14 anos, quando passei na menarca, aí voltou novamente. Aquilo lá complicou. Aos 14 anos. (...).

Aos dez anos nosso pai faleceu e nós tivemos que nos virar [um irmão e quatro irmãs]. Meu irmão foi igual mesmo um pai para nós. Ele assumiu a responsabilidade de chefiar a família. Foi muito bom aquele meu irmão. Ele deve estar gozando de boas regalias com Deus. E então, Deus permita, porque ele fez muito bem para nós. Quando minha mãe faleceu, dois anos depois do meu pai. (...).

Com dez anos eu perdi meu pai e nós estávamos em Belo Horizonte. Esse meu irmão já tinha se mudado para São Paulo e ele nos chamou para vir morar em São Paulo. (...) Ele era mais velho e ele não se casou enquanto as irmãs não se casassem. Ele se casou por último. (...) Eu não me casei porque eu fiquei doente. Aí é que está. Então viemos morar com ele na Vila Ipojuca, perto da Lapa. (...)

Então, ele não foi tão feliz como todas nós, que nós seguimos o que Deus nos ensina. Meu irmão era viciado em bebida. Mas não era de ir pra rua, nada. Mas ele tinha o fígado muito sensível e depois deu cirrose. Ele morreu por causa da bebida. Ele gostava de tomar vinho e ficava com o rosto todo cor de vinho. Ele tinha alergia pela bebida e bebia. Isso, quando eu via tudo isso, eu falei... eu tomei pavor de bebida. Bebida e fumo.

– *E você morava com a Bia, que bebia bastante.*

Gilda – Que bebia, sim (risos). Isso aí foi outro calvário da minha vida. (risos)

– *Você morava com seu irmão, com suas irmãs e começou a ter problemas com 14 anos. Começou a ter ataques nos lugares, na escola?*

Gilda – Eu tive que parar as aulas. Parar o colegial. Cheguei a tirar o diploma do primário, do 4º ano primário. (...).

– *Deve ter sido muito difícil pra você largar a escola, porque você gosta de estudar. Você deve ter sofrido muito.*

Gilda – Muito, muito. Isso foi muito triste para mim. Foi duro. Mas eu dei a volta por cima. Eu vivia sempre procurando estudantes [vizinhos que frequentavam a escola] e aprendendo novamente. Ia aprendendo coisas. “O que vocês aprenderam hoje lá? O que a professora ensinou pra vocês lá, hoje? Vocês assimilaram?” – “Ah Gilda, estou na dúvida.” – “Então vamos lá, vamos ver isso aí”, dizia. Procurávamos no dicionário. Elas aprendiam e me ensinavam e ia sendo uma troca.

– *Quando foi isso?*

Gilda – Acho que 1946.

– *Isso era com suas colegas.*

Gilda – Estávamos sempre, os ginasianos, lá. Então eu perguntava: “O que vocês aprenderam hoje?” Porque eu não podia sair de casa. Não podia nem sair.

– *Então você não saía mais de casa. Você não tinha coragem ou a família...*

Gilda – A minha família não deixava.

– *E você queria sair?*

Gilda – Eu queria, mas eu... depois, sabe, Deus sempre tem um plano para gente. Um programa para gente um dia. E depois, mesmo assim, eu aprendi muita coisa e vim parar... Em 1968, eu resolvi sair de São Paulo, porque a poluição lá estava demais, cada vez ficava pior. Eu via que a minha família toda já havia se casado, eu vivia sempre na casa de um, na casa de outro. Eu me sentia uma ave sem ninho. Se bem que meus irmãos faziam de tudo por mim. Eu tinha tudo. “Nós temos obrigação de cuidar de você, já que você ficou doente”. Mas o meu amor-próprio nunca permitia. Então, o que eu fiz? Eu quis ir para um hospital porque aqui eu devo para todos e não devo para ninguém. Porque aqui eu fiz uma comunidade, na qual eu vou precisar e devo devolver alguma coisa. E devolvi, fiz amizades, e pronto. E até hoje estou podendo ajudar.

– *Você construiu sua vida por si própria.*

Gilda – Exatamente. E autodidata, não é? (risos). Sem precisar ir no colégio.

– *Agora você tem tomado medicamentos?*

Gilda – Só para garantir.

– *Não faz nenhum tipo de tratamento?*

Gilda – Não.

– *No NAPS você vai pela manhã pra ajudar e não pra fazer tratamento, porque você está de alta, certo?*

Gilda – Eu vou periodicamente no SUS e nem preciso fazer exames. Outro dia eu tive um cisto epidérmico e precisei procurar o dermatologista. (...) Lá no SUS, eu tenho uma médica que é um anjo. É uma bondade. A dra. Laura. Enfim, eu tenho amizade com todo mundo e tem muitos funcionários do Hospital das Graças que trabalham lá, sabe? Então, a gente encontra e graças a Deus eu faço amizade com todo mundo, e peço por favor, e espero minha vez. Eu levo um crochê para ir fazendo e digo: “quando chegar minha vez você me chama” (risos), para ficar esperando.

– *Você sempre aproveita tudo, o tempo que puder.*

Gilda – E tem outra coisa, eu sempre ponho sempre na minha cabeça, não deixar a mente vaga para pensar em coisas negativas. Estar sempre trabalhando e produzindo, para não ter tempo de pensar em coisas negativas. A gente trabalhando e produzindo coisas boas, a gente pode evoluir psicologicamente e espiritualmente também. Aí é que está. Eu leio também as coisas que eu gosto muito lá da igreja, que a gente aprende de textos bíblicos, que é muito bom. (...)

Quando nós morávamos naquele local que não tinha nenhuma igreja ali perto, mas tinha... como se diz... tinha os presbiterianos, os pastores presbiterianos que nos ensinaram tanta coisa boa. Tanta coisa que a gente aprendeu. A gente era católica, mas Deus não tem nenhuma religião. Seguir a Deus não é... religião. Religião significa religare. Vem do religare. A gente tem uma religião que liga, para se religar a Deus.

A cidade de braços abertos

Gilda – Quando vou lá na Secretaria da Saúde [em São Paulo], eu falo para muita gente de outras cidades que vão lá e o que eu digo para eles: “A minha prática de 25 anos no hospital psiquiátrico, eu vou passar para vocês que lidam com doentes mentais. Nunca devem tratá-los como criança, mas também não tratá-los como animais, com estupidez. Ensiná-los a tomar o seu próprio caminho de aprender e dizer para eles que eles vão sarar. Dar estímulo pra eles. Dizer: ‘Vocês têm uma oportunidade de sarar e vocês vão sarar’”. Porque nós já estamos no ano 2000 e é impossível que a

doença não tenha cura. Podem aparecer novas doenças, haverá um antídoto para elas. Haverá, se Deus quiser. A gente espera, a gente espera porque é como eu digo: “antes dos cientistas nascerem, Deus já existia”. Aí é que está, os cientistas e o pai da medicina. Aí, tantas coisas que eram antigamente incuráveis, então já foram descobrindo os antídotos, os grandes sanitaristas. Interessante que aqui, por falar em médico sanitarista, o Adolpho Lutz, que foi médico sanitarista, aqui onde eu vou fazer exames periódicos o Instituto é Adolph Lutz. E onde eu vou lá em São Paulo é Adolph Lutz também. Então lá a gente pode ver muitas outras pessoas de outras cidades e lá nós explicamos como deu certo pra nós. Então, eu sempre falo lá pra turma: “O que nós conseguimos não foi feitiçaria, foi tecnologia”. (risos) Precisa pôr a tecnologia. Então pôr em prática, saber pôr em prática isso aí. E ensinar os pacientes a dar a volta por cima. Se não conseguir dar a volta por cima, pelo menos não regrida. Precisa aprender a dar estímulo pra eles encontrarem um meio pra ajudar a ciência. Está escrito: “Ajude-me a ajudar você”. O doutor não vai fazer nada, só Deus é que faz milagre. (risos) E é isso que eu falava sempre lá no Santa Tereza. (...).

Eu não sou um gênio, mas eu tenho vontade de aprender. O que importante pra pessoa é ela ter força de vontade. Com força de vontade a gente escala montanha sem ser alpinista. (risos) Você pode ver que eu falo muito por parábolas. Então, aí é que está... Então, você pode ver: tudo isso aqui fui eu que fiz. (...).

– *Você canalizou tudo para sou autodidatismo.*

Gilda – Para meu autodidatismo e também para as coisas positivas e aprender as coisas que prestam, não é mesmo? Eu fui separando o joio do trigo. (risos) Fui separando o joio do trigo e fazendo só coisas positivas, só coisas que me trouxessem benefício. E esse benefício eu transmiti para outrem. (...) A história do café da minha cidade eu conheço.

– *É mesmo?*

Gilda – Aí é que está. Sabe quem trouxe os primeiros pés de café? Os colonizadores. Trouxeram da África. Quem trouxe os primeiros pés de café e plantou aqui na fazenda dos Silveiras. Agora eu não me lembro o nome dele, que trouxe os primeiros pés de café. Mas depois eu me lembro. Os primeiros pés de café... Veio de África e plantou aqui e depois virou aquele cafezal mesmo e de onde surgiu uma cidade como a minha. Foi através da lavoura de café. Então, até se chamava a capital do café aqui. Ai meu

Deus, preciso me lembrar o nome dele. Ele... era... depois aparece o nome. Depois ele surge na minha cabeça. Dá um vazio... vazio não, dá um branco, mas depois aparece. Mas eu fiz [uma] poesia, eu tenho guardada aí. Quando ele trouxe os primeiros pés de café, dizendo que aquilo lá dá uma excelente bebida, excelente bebida. E o Silveira é o primeiro, o pioneiro. Acreditou nele e começou a plantar na fazenda dele. E virou a fazenda dos Silveiras, não é? Aí então... puxa vida... estou querendo lembrar o nome dele, o que trouxe os pés de café. (...) Então... estou tentando me lembrar do nome de quem trouxe a muda de café... Ai, ai meu Deus... Me foge agora. Quando eu me lembrar eu te conto. Francisco de Mello Palheta!

– *Se lembrou.*

Gilda – Não disse a você que minha cabeça é só mexendo com as células... Sabe o que eu faço? Eu recorro ao alfabeto. Chegou no ‘f’, Francisco de Melo Palheta (risos). Francisco de Melo Palheta. Francisco de Melo Palheta trouxe da África os primeiros pés de café e plantou na fazenda dos Silveira. Você não sabia desta história.

– *Não, agora estou sabendo um pouco sobre a história da fundação da sua cidade. (risos)*

Gilda – Viu? Essa cidade, como eu amo! Como se fosse a minha terra. Eu amo porque foi a cidade que me recebeu de braços abertos. É como eu digo, nasci em Minas e não deu nada certo lá. Belo Horizonte foi uma mãe que me abandonou quando criança. São Paulo foi uma madrasta para mim porque não deu nada certo lá. Fiquei doente e tive que me tratar. E aqui foi uma mãe adotiva que valeu por todas as mães que a gente tem no mundo. Aqui deu tudo certo pra mim, aqui eu sarei e aqui estou podendo ajudar os outros a sarar. Não é uma benção?

Entrevistadora: Ianni Regia Scarcelli